

O NEOPHYTO

Diversos Redactores e Collaboradores—PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

ANNO I

MATO GROSSO—CUIABÁ, 6 DE FEVEREIRO DE 1911

N. 10

Redacção — Rua 13 de Junho — 25

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA

Por 1 anoz \$500
Por 1 anno \$500
Numero avulso \$200

Seção de annuncios, pedidos, etc.
preços convencionaes.

Pagamento adiantado.

A Hebdomada

A nota vibrante que souo ao findar a semana passada foi o baile do Club 7 de Setembro. Realmente, foi uma partida correcta e digna de menção.

Foi uma noite cheia de prazer e alegria para os socios da valente sociedade.

Nos vastos salões da casa em que se realizou o baile só desappareciam risos francos e alegres, conversas, umas interessantes e amenas, outras picárescas...

E o delirio é a loucura pareciam ter envolvido aquella gente com os seus mantos de seifim.

Últimas vezes era valsa que soava e os pares a revoltearem pelo espaço das salas; outras a quadrilha que atreava o ambiente com a quinta parte feita com o 2.º Fervor classico.

E tudo dançava, tudo movia, tudo era delirio...

E no meio de todas essas cousas ressaltava a vista o Gabriel e o Benedicto a servirem attentos os socios e as moças ora com bebidas, ora com sandwiche e bolos...

Tambem não deixou de ter uma nota de riso franco, ou si querem do riso gargalhado (desculpa a expressão) o escoreggião do Manezinho que quasi vi-

rou de catrambias em meio do salão e o tombo do Clariado, que se estendeu de todo no chão com todo o comprimento de suas pernas...

Tal foi a nota vibrante ao findar da passada semana...

Não cabe ao rubiscador destas linhas vir tratar de questões particulares, como, por exemplo a que se denomina "Pity-Hypolito" que tem feito de certo modo soar a indignação em certos corações.

Deixo, pois, isso a cargo dos outros meus companheiros de redacção desta ou de outras jorñaes.

Não me metto nesse embroglho porque não sei se a historia é verdade ou não. Enfim, como dizem que a verdade vem à tona, toquemos a esperar o resultado do que sahe de todo esse embrulho que por ali andam fazendo...

Heloísis Ramos.

NOTAS E NOTULIAS

No dia 1.º do corrente foram reabertos as aulas dos cursos gymnasiaes do Lyceu Cuiabano, verificando-se por essa occasião, estarem matriculados 104 alumnos entre os cursos professad.s nesse estabelecimento.

Temos sobre a mesa o primeiro numero do oitavo anno da "Revista Matto-Grosso", publicação esmeradamente feita nas officinas typographicas do Lyceu Salesiano.

O paquetinho Xingá zarrou na ultima quinta feira de Corumbá, com destino a esta capital, conduzindo entre outros passageiros o Senador Dr. Antonio Azeredo, a quem apromptam-se estrondosa recepção e bellas festas.

O Sr. Tenente-Coronel Antonio Fernandes de Souza, digno agente geral da "Economisaçã Paulista" neste Estado, teve a gentileza de nos enviar dois numeros do boletim mensal daquelle Companhia e uma folhinha, resumo para 1911, fazendo acompanhar essa remessa de um attencioso cartão. Agradecemos.

Tiveram começo a 1.ª do corrente no edificio do Lyceu Cuiabano, os exames de preparatórios de pharracia e odontologia, tendo-se apresentado para esta sciencia o Sr. Antonio Jarzem e para aquella os Srs. Nominando Sá, D. maciel da Faria, Antonio Corrêa da Silva e Alcydio Figueiredo.

EM RESPOSTA

A Cruz no seu modo de julgar os outros pelos seus redactores, estampa em sua ultima edição uma local que diz não termos publicado a carta do sr. Amaranth porque julgavamos não dever chegar ao dominio do publico um nobre protesto (o grypho é nosso) contra as calunias (ainda é isso o grypho) levantadas contra os salesianos por alguns malfeitores.

como diz o intelligente sr. Clodoaldo Amaranhe.

Depois, afirma sem mais nem menos que a noticia que demos a respeito, no nosso numero passado, foi apenas uma evasiva e que essa evasiva é capcioso, indigna e nesceia.

A *A Cruz* temos somente que agradecer tão honrosas e gentis palavras atiradas á nossa redacção e reveladoras do genio irascivel, malcreado e grosseiro mesmo do autor da alludida local...

Fique a redacção d' *A Cruz* sabendo, de uma vez para sempre, que o nosso intuito não foi sustar a publicação do *nobre protesto* para não chegar ao alcance do publico as calumnias (?) a que o mesmo allude; se o publicassemos, equivaleria a estarmos de harmonia com o ponto cego e a nenhuma consideração ligados á palavra de um nosso illustre companheiro quando foi fazer a explicação sobre a publicação de uns versinhos *immoraes e impios* (como diz o organ catholico) que estampamos.

Ninguém achou taes sentimentos naquellas provas e desejamos que *A Cruz* prove a existencia de immoralidade ou da impiedade nos alludidos versos.

Somente o organ catholico, possuido, talvez, da reconhecida malicia que tem os seus redactores, poderia achar alguma coisa impia ou immoral naquelles versinhos.

E, por isso, em linguagem rispida, ataca-nos de uma maneira baixa, não se lembrando dos sentimentos de humildade que o filho de Maria tanto lhe tem ensinado.

Mas... o que sentimos verdadeiramente é estarem os salesanos fazendo um nosso patricio de mero instrumento de sua dezoza contra os ataques que têm recebido.

Se é calumniá o que dizem ter havido com o Perry, sahiamos os padres a campo, livres e destomidos o provem a verdade!

Mas, não! Querem salvar a apparencia, collocando á frente a dezoza do sr. Amaranhe que; infelizmente, não tem a necessaria força de caracter para impedir que o façam do joguete e do instrumento a favor de uma acção aviltante...

DESCONFIADO...



Estas moças!... estas moças!... Outro dia uma chegou a dizer-me que sympathizava - so - commigo somente por causa do meu nariz!... Cheguei até a desconfiar n'oculsa... mas, será verdade que o meu nariz terá mesmo alguma força de atracção de sympathias de moças?...

INDIGNO

Quando vimos publicada na *A Imprensa* a poesia «Estações» da larva do nosso conterraneo José de Mesquita, uma interrogação, se nos apresentou á mente

E essa interrogação resumia esta pergunta:

«Porque é que *A Imprensa* publica uma poesia inédita do José e *O Neophyto* que, ha tempo já se acha em publicação e mandou pedir produções áquelle nosso patricio, ainda

não, sabendo-se que essa nossa collega só tem um mez de vida?

Pesquizamos o facto, e, com o nosso *faro* investigador, vimos a saber que tanto a poesia «Estações» como mais tres outras, vieram para a redacção do *O Neophyto* e não nos foram entregues.

E isto succeden porque a poesia por intermedio de quem foram remetidas as alludidas poesias, tendo sahido da nossa redacção, julgou não fazer a devida entrega e apresentou com ellas outro jornal, praticando um acto pouco louvavel, indigno mesmo e fez uma corteza com o chapéo alheio.

Sabemos de tudo isso porque telegraphamos ao nosso conterraneo, em S. Paulo e nos foi explicado o facto.

Portanto, intimamos o rapaz que tem em poder as supracitadas produções do José de Mesquita a fazer a entrega á nossa redacção, pois o acto que está praticando é feio e baixo.

E perguntamos: esse acto é alguma vingança ao nosso jornal? Si é, porque razão? Por accaso o nosso jornal já o offendeu ou nós não temos razão de chamar agora de indigno os actos que tem praticado para commozco, retirando se abruptamente da nossa redacção, concorrendo para matar *O Neophyto*, allegando *motivos particulares* (?) pela sua sahida, difamando e intriguando um nosso companheiro, cabalando outros para deixar o nosso jornal?

Por todos estes motivos andamos callados, mas eis que surge uma acção revoltante que nos obriga a expor estas cousinhas e o fazemos sem, contudo, declarar-lhe o nome...

Emfim, só queremos a devida entrega do que é nosso, porque sabemos que as produções vieram para nós e que em cada poesia, tem a dedicatória: *Para O Neophyto*.

PIADINHAS

— Olha, ali vai o sujeito que mais tem concorrido para levantar o povo...

— O Tezista! ? pois elle é anarchoista?...

— Não, não! Elle vende e cinceira despitadores...

— O Grudez dá lição de meteorologia ao filho: sabem o nome da Piauha e o rae diz ao peiz:

— Quando vères aquellas nuvens lá para o Norte, num sabbado, ficas sabendo que no dia seguinte...

— Chove, papae?

— Não filho... ficas sabendo que é domingo...

Porque é que os carados nam anel de aliança?

— Ora, para não se esquecerem de que são carados...

Um rapaz mostrava a noiva a cidade a um amigo seu, recém-chegado aqui.

Depois de passarem no jardim Alencastro, desceram pelo pateo da Matriz e o primeiro pergunta:

— Então, que tal a nossa cidade, hein?

— En lhe digo, responde o outro, parece-me que não hade ser feia, quando estiver acabada.

— A final, o Amarante vin tu não a tirado?

— Ora se vin, consta até que tomou parte nella e com tanta felicidade que foi o primeiro a ser elifrado.

Na rua de cima ás onze da noite:

O sentinella da Camara:— Quem vem lá?

O Chico (gracejando) Hypopolito.

O sentinella — (collando se de costas á parede!)

Não vem lá...

Az aaaaarmas!!!

Trapizongas

NEPHELIBATISMO

Um nêsso conterraneo, que modestamente se occulta com o nome do Chico Pindobas, pede-nos a publicação da *gratificação literaria* abaixo, o que fazemos sem nada cobrar.

Semente deejamos que es leitores leiam a *zetta* e depois nes digam o quo o sr. Pindobas quiz escrever. Alem disso, deve ser reconhecido o talento do autor; que brevemente virá fazer uma revolução na nêssa literatura com o seu novo modo de escrever.

Ahi vai a *mecla*...

O schema da

psychologia

AO ARNALDO FIGUEIREDO
No timido regico das verdades, as que se demonstram pelo similis cyclico de nesses trechos e approposados pensamentos ignares foi que deslir dei o teu alvar sorriso.

Tu estavas realmente peraltico com o teu gibão encolado de fullyza lhanas e acerbas alncôares. O pequeno e rubro musculo não estriado, incida servil do um jacz stavico o ppolibundo que da minha carapessa, tremoluzia incendicionalmente como um recatado ceitil num allargo caustolento do inverpível mendigo.

Eu teu sorriso alvar, grânulo extensivo de hellemicas egivas, se enrescava estheticamente nas espiraes fumagericas dessa musculo, inculando na minha synagoga engorgitada o germen do schena da psychologia.

Chico Pindobas.

Clia de Caylão: Alazavallio

O mais sabroso do mundo —
KO MOURA

A SALVACAO DAS CRIAN-
CAS! Leite esterilizado.

Casa MOURA

Casado por conveniencia



Quando eu era noivo, todo o mundo me d'za, que a minha futura cara metade era um thezouro e possuia thezouros...

Cascl-me e oh! desilusão; encontrei um thezouro de idade possuindo thezouro de sardas e verrugas e tendo uma thezoura de lagapa deste tamanho, que me atordará o resto da vida...

Bala de estalo

Que moça formosa aquella! Mas é seria, nunca ri, Não falla, não tagarella; Moça assim eu nunca vi, Pois, tola a moça é risonda, Falla, grita, canta e ri, Aquella é sempre bissonha; Moça assim eu nunca vi! E assim seria é formosa! Mas... eis que a bocca de rosa Num sorriso abre na pouquinho Abre de todo... Oh desgraça! E' possível num rostinho Haver tamanha bocaça Enfeitada, oh! São Clemente, Só por um dente!!!

Leite Lino

Estão b ns p'ra figurar Na exposição de Turim O casa da praça Matiz E a pintura do jardim

A nossa redacção está de vltuo accordo com o que diz o Sr. J. Memras na sua a Conren- cionalismo

Convencionalismo

A nedia e robucada abba-dessa "A Cruz" num dos seus dias de mau humor, toda apoplectica, do alto da sua cathedra, onde com a magestade de um roxo e rubio Tabor diz pontificar e pregar a conselheira doutrina do meio-filho de Maria, com a magestade e apaivalhada de um cura de aldeia, num esgar supremo, fulminou a nossa humilde tenda de trabalho com uma toco!, entornando nababescamente a sua feroz cornucopia de diatribas.

E assim por faz e por nefas chamou-nos de *capetanos, necios*, etc. Não; somos moços, e como qualquer outro merecemos deferencia e urbanidade. Nós cá de casa conhecemos sobejamente o illustre e fogoso jornalista que demasiadamente deixa-se vislumbra-atravez da diaphaneidade daquellas linhas a sua copulencia mastodontica.

Não quero enveredar por esta altura fardista do *similia similibus*; mas, simplesmente dizer que não de molestar pelos jornaes qualquer pessoa ou qualquer aggremação é muito convencional... e comedido.

Porquanto, si nos sahisse na frente, gingando, um esfageite boçal e nos dissesse uma porção de contumelia, certo não deixaríamos impune o tal sujeito.

Não! é preciso convir a reverendissima *Abadessa A Cruz* que na sociedade a polidez é o mais bello ornamento do homem e que *nos quoque gens sumus*.

J. Hemeças.

CALLOPEDINA—cura callos em 4 horas—a 200 reis
Na casa Manoel Felizardo & Filhos.

O GRYPHO

O leitor sabe o que é grypho? Não é o monstro fabuloso dos antigos, não; refiro-me ao grypho que se faz nas palavras a fim de dar-lhes um sentido figurado, mais explicito e significativo.

Pois bem; essa historia de grypho nas palavras não é nada boa.

Si alguém escrive uma littera pégas, vem um critico e passa uma sapeca no escriptor, grypha todas as burrices que encontra na produção e ainda por cima, diz entre parentesis: o grypho é nosso.

E isto encabula a gente...

Si um sujeito qualquer diz a outro que algum unhu de foma lhe deu um presente, esta segunda admira-se e pergunta: «Pois o F. que te deu?» Ao que o primeiro affirma: «O F. me deu.»

Vejam bem; um malicioso grypho logo este «deu» final e poem-lhe uma interrogação.

O grypho tem algumas inconveniencias; se alguém o creve zedó sem grypho, todo o mundo fica sabendo que esse é o nome de um animal. Entretanto gryphem a palavra e vejam se já algum não acha allusão a qualquer pessoa...

Uma vez assi ti muita briga entre dois rapazes, occasionada somente por ter um escripto ao outro o seguinte bilhet: «Entre-guei o livro á tua mãe» e o gryphou a mesma palavra...

Emfim, leitor, essa historia de grypho não é boa coisa. Aconselho a todo o arado para nunca usar gryphos.

Vejam a minha prosa e procurem nella um grypho; não se encontra.

Ninguém, poderá dizer que fiz allusão a alguém.

Hemeças Grypho.

ANNUNCIOS

UM VOTO DE LOUVOR

Á "ECONOMISADORA"

Na sessão plenaria do *Concilio Juridico das Cooperativas*, que acaba de ter lugar em Bruxellas, Belgica, o dr. Isaac Olavo Soares de Souza, expoz a situação da *Economisadora Paulista*, e a organização do *I Congresso de Mutualismo Sul-Americano* e aquella illustre assembleia, na qual se achavam reunidas quasi todas as grandes suanidades juridicas da Europa, approvou unanimemente um voto de sympathia á *Economisadora*, pela sua obra.

Externados aqui os nossos agradecimentos pela enorme distincção conferida á nossa sociedade, servella do incitamento e estimulo aos nossos mutuarios e do brilhante resposu aos ataques desabridos, com que as poderosas *Compagnias de Seguros*, têm procurando entavar a marcha do mutualismo brasileiro, no qual elles vêm um concorrente, que é necessario destruir quanto antes, a ferro e fogo.

Illusion de Duille. Resencia de flores sem alcool: Lyrio dos Valles, Vesteria, Heleotropio-Lila, Narciso—Muguet, Violeta—Rosa.

Esta essencia de flores é tão concentrada que, basta uma quantidade minima, para se obter o perfume natural dos lyrios dos valles.

Basta tocar com a rocha de crystal os objectos que se quizer perfumar.

Na casa MOURA

A MÃE

O livro do amor da patria e do amor da familia; o livro da liberdade; o livro da revolução por Maximo Gorki, tradução de Augusto de Caceres.

Um elegante volume 35000 NA LIVRARIA S. SEBASTIAO.

Tip. d' O Commercio